

# A SEMANA

CORTE

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Trimestre..... 28000  
Semestre..... 48000  
Anno..... 88000

Director — VALENTIM MAGALHÃES

Semestre..... 18000  
Anno..... 88000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

## SUMMARIO

«A Semana»—Historia dos sete dias—Politica e Politicos, *L. Murat*—Galeria Journalistica, *Zeca*—O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional, *L. Murat*—Germinal, *Araripe Junior*—Libido, soneto; *L. Delfino*—Confissão, poesia; *L. Murat*—Questão litteraria—Instrução publica, *O. de Niemeyer*—Luiz Barbosa, *L. de Mendonça*—Theatros—Ruy Vaz, *Alaizio Azeredo*—Factos diversos—Club dos Democraticos—Tratos á bóla, *D. Pastel*—Recebemos—Corr. io—Anuncios.

## A SEMANA

Rio, 16 de Maio de 1885.

O presente numero d'«A Semana» já foi impresso na officina typographica que acabamos de estabelecer.

Iniciando este para nós importante melhoramento e noticiando-o aos nossos leitores, só temos em vista dar-lhes uma prova dos meios de vida com que conta esta empreza, offerecendo-lhes mais uma garantia de estabilidade e de duração.

Cremos não ter desaproveitado o favor publico que «A Semana» tem encontrado, e esperamos continuar a merecel-o, pois que para isso empregamos todos os nossos esforços e toda a nossa boa vontade.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Se a semana passada foi chata e chôcha, esta que hoje terminou foi chaticissima e chochissima.

Nós compromettemo-nos a fazer a historia dos sete dias, mas não nos compromettemos a dar historia aos sete dias quando elles a não tenham. Ora é isto que as mais das vezes acontece nesta cidade pacata até á immobildade e serena até ao mutismo. O collega Ambrozio continúa a subtrahir-nos a chronica politica para a sua aliás brilhante secção e nós ficamos a ver navios nestas praias de limpidas areias.

Poderíamos escrever do céu claro e transparente, do profundo azul lavado com que principiou a semana, e que depois se enfarruscou bruscamente; da chuva que tem cahido nestes ultimos dias; da vinda já tão retardada da estação fresca e das notaveis mudanças por que está passando o nosso tão caluminado clima—mas como sabemos que o leitor fluminense pouco se importa com esses factos; não ha senão pôr-lhe para ahí meia duzia de acontecimentos já noticiados pelas folhas diarias, que nós costumamos de recapitular e commentar com aquella graça e atticismo com que

os bons fados nos brindaram ao nascer e que tão bem temos posto ao serviço da população heroica da capital e arrabaldes adjacentes.

Se Ambrosio não estivesse particularmente incumbido da parte politica d'«A Semana», nós tínhamos, por exemplo, uma boa pilheria para o acto vergonhoso praticado pelo representante Sinimbu Junior, na sessão de quarta-feira da Camara dos deputados.

Tratando do *sim* e do *não* em que vacillou o triste animo do deputadinho pelas Alagoás, nós lhe aconselhamos a adopção da fórmula que o Sr. Lafayette exturquo de Molière para base do seu programma ministerial. É commodo, é galante e é litterario. Quando Sinimbusinho tiver de votar, em vez de dizer—*sim*, ou de dizer—*não*... diga logo sem vacilações:—Póde ser que *sim*, póde ser que *não*.

E por este simples processo de emissão de voto, salva o illustre Junior a sua palavra de honra, tão tristemente compromettida na referida sessão. Porque, afinal, Srs. representantes da nação... VV. EEX. podem mostrar com franqueza todas as anfractuosidades do caracter, todo o crivo da consciencia, toda a ilha de Sapucaia da dignidade; podem mostrar, mas não convém que o digam. A palavra é o diabo. Quando o tachygrapho lhe segura a cauda fala correr pelas ruas da capital, pelas estradas da provincia, e pelos mares e longes terras do estrangeiro.

As acções apaga-as e leva-as o tempo muitas vezes; mas as palavras impriem-se e podem mais tarde vir a envergonhar os nossos filhos e os nossos netos, quando não tenham promanado directamente da pureza dos sentimentos, da lealdade e do patriotismo. Ora, se são graves todas as palavras com que asseguramos as nossas idéas, ha uma muito mais grave do que todas, porque com ella asseguramos os nossos sentimentos:—é a palavra de honra. Ou a honra é o sentimento respeitavel e sagrado que nos dá direito a um lugar distincto em qualquer sociedade; o mais forte laço de todas as relações sociaes; a base unica do commercio da civilisação; a propriedade que devemos antepor a todas as outras e defender até ao desespero e á morte,—ou é apenas um lenço com que cobrimos o rosto sujo ao assaltar-nos os mosquitos importunos da Justiça publica.

E' pois preciso muito cuidado no emprego da *palavra de honra*.

Ahí vão agora alguns factos que nos pareceram mais capazes de occupar esta secção importante d'«A Semana».

Dia 10.—Seguiu para a Europa em viagem de instrução a corveta *Nichero*. Não partio no dia 9, por ter adoecido o medico de bordo, Dr. Euclides Rocha, que foi substituido pelo Dr. Fernandes de Souza.

—Noticiam as folhas mais um desas-

tre causado por bond. Um pobre homem foi atropellado por um d'esses *assassinos*, ficando contundido no braço esquerdo. Quando se resolverá o Governo a exigir das companhias a adopção de algum apparelho preventivo?

—Chega no *Séuqal* um dos muitos principes Fredericos Carlos da Alemanha e o seu secretario.

S. A. viaja em caracter particular, e, com o fim de estudar immigração e colonisação, parte brevemente para as provincias do Sul, onde vai visitar as diversas colonias alli existentes.

Mar banzeiro e galernos ventos o levem.

Dia 11.—«Temos uma carta da estação de Macacos, em que se nos diz que em Sant'Anna, duas senhoras amarraram de pés e mãos uma moçulha e cortaram-lhe os cabellos e o corpo com uma faca. O crime foi o movel d'esta barbaridade.

Tal é uma noticia da *Gazeta* deste dia.

Vejam que *Othelas*!

—A convite da Confederação Abolicionista, honve no largo da Lapa uma enorme reunião popular.

Fallaram os Srs. José do Patrocinio e João Clapp, pedindo ao povo que dêsse ao conselheiro Dantas uma grande manifestação de reconhecimento pela attitude dignissima que o illustre chefe do Gabinete 6 de junho assumio perante a nação, com respeito ao problema da abolição dos captivos.

—A Santa Casa da Misericordia abriu um consultorio gratuito especial para molestias de pelle e syphiliticas. Foi confiado ao distincto lente da respectiva clinica da facultade e medico effectivo do mesmo hospital, o Dr. Pizarro Gabizo. O consultorio funciona todos os dias, das 9 ás 10 horas da manha.

Vae ser um nunca acabar.

O ultimo acto da comedia do amor vai ter por contra-regra o Dr. Gabizo e por protogonistas o iodureto e o hydroargirium!

E' o caso de se exclamar com o poeta classico da bregeirice:

«Já temos consultorio. A elle! a elle! Que as horas do prazer voam ligeiras!»

Dia 13.—Publicam-se os seguintes telegrammas de Pernambuco:

Recife, 12 de Maio.—«O povo acha-se revoltado. Manifestações e pedradas contra o *Tempo*.»

«A policia acalma o povo. Diversos grupos pelas ruas. O reconhecimento do Dr. Portella causou pessima impressão. As officinas do *Tempo* foram assaltadas. Reina agitação geral. O commercio acha-se fechado. Nabuco é victoriado pelas ruas. Estão os animos exaltados.»

—Realiza-se a grande manifestação popular ao conselheiro Dantas. Cerca de quatro mil pessoas dirigiram-se á casa do illustre senador e saudaram-no entusiasticamente.

—A *Gazeta* noticia o fallecimento do estimado medico Dr. Alfredo Ramos, membro da commissão vaccinico-sanitaria da Gloria.

Dia 14.—Partio para Friburgo o benemerito conselheiro Dantas, á procura de restabelecimento para a sua saude profundamente prejudicada pelas lutas e pelos trabalhos do ministerio 6 de junho.

—Aparece mais um exemplar da raça dos *Pilotinhos*, que foi a uma agencia da rua do Ouvidor receber um bilhete de loteria falso.

Dia 15.—A Confederação Abolicionista de S. Paulo dirigio ao Sr. conselheiro Saraiva o seguinte telegramma:

«Lamentamos que, assumindo o poder, V. Ex. não tenha sabido comprehender as aspirações do paiz, collocando de novo a questão servil no terreno grave do qual o conselheiro Dantas soube afastal-a.»

Que o unico homem honrado d'este paiz, o Sr. Saraiva, se alimpe a esse guardanapo.

E com elle nós terminamos esta triste historia da semana.

### POLITICA E POLITICOS

Se o povo brasileiro tivesse sempre em memoria as celebres palavras que se leem no testamento do ministro de Luiz XIII—o Justo, que ordenou a decapitação de Mont-morency e que tingio a sua coroa no sangue do virtuoso de Thou, que o rei deve evitar os serviços dos homens de bem e as de Sallustio, que os reis não podem passar sem os rebeldes e que pelo contrario devem ter medo e desconfiar da probidade, ha muito que elle teria mandado passear o Sr. D. Pedro II, se lhe não fizesse cousa peor.

A situação que atravessamos é das mais graves.

As contradicções politicas, os erros parlamentares, a indifferença da coroa, precisam de um correctivo.

Os abolicionistas são batidos pela deslealdade dos seus adversarios; o ministerio Dantas que se tinha imposto á meditação do rei e á confiança publico, é lançado por terra por uma moção de desconfiança indigna de ser tomada a sério no recinto de uma camara honesta.

O Sr. Saraiva, cujo caracter não podemos em duvida, mas cuja intelligencia não vai além do pequeno circulo da politica de confraria que as monarchias cream para a sua garantia e estabilidade, apresenta um programma que não traduz as aspirações populares e que está aquem do trabalho elaborado silenciosamente pelos mystagogos da independencia nacional.

O Sr. Saraiva é uma contradicção no governo: não é uma continuação do ministerio 6 de Junho.

Os conservadores, o medico Anicetus d'esse novo esgot de corrupção e de immundicie e os dissidentes, a Locusta vendida ao gabinete presidido pelo Sr. Saraiva, acolhe-o risonhamente e concede-lhe o seu apoio.

O Sr. Andrade Figueira, commissariado pelo seu partido, disse ao gabinete que acabava de se apresentar á camara, que os conservadores estavam ao seu lado. Seguiu-se o Sr. Lourenço de Albuquerque, que em nome da dissidencia, fez as zumbaias proprias de quem está contente com a attitude politica apresentada pelo ministerio.

O Sr. Prudente de Moraes—republicano—invektivou justamente ambos os partidos litigantes, apreciando a physiognomia das duas facções que têm servido de instrumento para que o Sr. D. Pedro II complete a sua obra de demolição nacional.

Fallon com a independencia dos nobres, com o prestigio das suas idéas— as idéas republicanas, que não germinam nos pantanos de Sejanus, nem determinam os des estres do amphitheatro de Fidenias.

O Sr. Afonso Celso disse que era abolicionista.

O Sr. Saraiva explica-se novamente. Não faz questão do seu projecto e conta com os conservadores e republicanos para levar a effeito a reforma do elemento escravo.

No dia 12 o Sr. Padua Fleury apresentou o projecto acerca da questão servil, que não é máo mas que offerece margem a innumerables emendas.

Esse projecto foi assignado pelos Srs. Fleury, Ulysses Vianna, Augusto Fleury, Ildefonso de Araujo e Zama.

Depois da cumara entrar na ordem do dia foi reconhecido deputado pelo 2º districto da Corte o Sr. Fernandes de Oliveira.

Foram também reconhecidos deputados os Srs. Vaz de Mello, por Minas e Demetrio Bezerra, pelo 4º districto do Pará.

Depois a camara approvou nominalmente, por 51 votos contra 48, a eleição da freguezia de S. José e reconheceu deputado o Sr. Portella.

Era de esperar isto da camara dos Srs. deputados.

O Sr. Nabuco era um elemento extranho ao espirito harmonioso que vai dirigir os trabalhos patrióticos da illustre temporaria.

A consciencia parlamantar apoiada de vicios e de interesses, funambulesca, irritante, encommoda, sem prestigio, sem valor, sem moralidade, sem talento, sem cousa nenhuma que se possa impor ao paiz, derrota o illustre pernambucano no 3º escrutinio da camara, elle que era legitimamente o representante do 1º districto da sua provincia.

No dia 13 houve uma completa desordem na camara. O conflicto foi occasionado pelo facto do Sr. deputado Sinimbu Junior ter votado *sim* quanto a eleição do 1º districto do Pará, peitando depois a palavra para explicar que se tinha equivocado e que elle quizera dizer *não* quando disse *sim*.

Pobre Sr. Sinimbu Junior, que nem sabe quanto valem a honra e as convicções.

S. Ex. estava coagido pelos Srs. José Pompeo e Lourenço de Albuquerque. Era preciso pois contradizer—era preciso dar a sua palavra de honra, ainda que a infamasse e perdesse a sua dignidade de homem e de parlamentar.

Os negreiros podem dormir satisfeitos á sombra da sua victoria: *hominem bonis publicis mastum*.

Tu lo corre no sabor dos monarchistas e do seu rei. Felizes, bem felizes que são—porque encontram diante de si, não uma fortaleza feita de opiniões, um povo que se sente bastante forte para impor a sua vontade á vontade daquelles que o tem ludibriado, mas sim um povo fraco, coarado, indifferente, egoista, um povo que desmente as suas tradicções, um povo que não sabe ler, um povo que não é povo.

Podem dormir tranquillos.

LUIS MURAT.

### GALERIA JORNALISTICA

#### II

DERMEVAL DA FONSECA

Calumniam-o quem disser que elle é enormemente alto e extraordinariamente gordo. Não, senhor, lá estas proporções athleticas não possui. E em compensação é bem proporcionado,

symetrico, airoso e elegante como um i de lunetas e chapéu de pelo.

—Que sugeito complicado este Dermeval!—murmura o Capistrano de Abreu, apertando os olhos e abaixando a cabeça.

De facto, é difficil pillhar o traço característico da sua individualidade, a feição dominante do seu talento, o centro de gravidade da sua indole. Elle é tudo quanto quer ser. Medico, cirurgião, folhetimista, chronisemanista, noticiariista, polemista, pianista, critico dramático, critico musical, caleburguista, omnibista, diziaselontista, tudo. Dispõe de todos os estylos da culinaria jornalística—cozido, ensopado, frito, de escabeche, à Peixoto, à bahiana, com atcaparras, *au gratin*, com azeite de dendê, com pimenta malagueta, com o que pedirem. Se me disserem que o Dermeval collaborou na *Leuda dos Seculos* de V. Hugo, e que também collaborou nos *Ultimos Harpejos*, eu não recusarei acreditar em ambas as cousas.

De intelligencia prompta e lucida, dispondo de extraordinaria vivacidade de espirito, conhecedor proveccto dos homens que o rodeiam, sceptico, amavel, extremamente sympathico, *bidclant la besogne au jour le jour*, sem outra orientação ou ideal que não o senso pratico da vida e os proveitos reaes do seu trabalho, o Dermeval passou uma existencia accidentada, cheia de rudes provocações e lutas desesperadas com a sorte adversa, até que logrou vencel-a e collocar-se na situação invejavel que hoje tem, conquistada palmo a palmo pelos seus esforços e actividade.

Como medico, dizem ser bastante habil e muito feliz nas curas.

Contam que estando certo dia a rabiscar o *Omnibus* da *Gazeta de Noticias*, apparecera um doente a consultal-o. O Dermeval, sem largar a penna, apalpa-o, auscultal-o, toma-lhe o pulso, arregaçalhe os olhos, tudo isso em dois segundos; depois vai à meza, lavra a receita, e entrega-lha, ao mesmo tempo que remetia os originaes para a typographia por intermedio de um servente—tudo ás pressas, segundo o seu costume. Dahi a pouco o paginador devolve a *receita*, por não saber em que secção publical-a, e o doente voltava trazendo na mão o *Omnibus* que nenhum boticario soubera aviar!

Diz-se que o Dermeval chega para tudo. Uma vez estava com elle no camarote do theatro lyrico. Cantava-se opera nova. Dermeval era todo ouvidos e desempenhava conscienciosamente a sua missão de critico musical. Quanto ia começar o trecho mais afamado da opera, põe-se a choramingar um filhinho seu. No mesmo instante batem á porta do camarote. Era um empregado da *Gazeta*, esbofado e pondo a alma pela bocca, que vinha dar-lhe uma noticia importantissima da ultima hora. A folha estava prompta, tornava-se preciso religil-a immediatamente. O Dermeval, sem hesitar, tira do bolso lapis e papel, escreve sobre a perna direita com a mão direita, acalanta a criança na perna esquerda com a mão esquerda, e não perde uma nota do trecho musical que se estava cantando! No dia seguinte a sua noticia lyrica era tão detalhada e judiciosa como outra qualquer.

Não mais, bom pai de familia, morigerado, sobrio, methodico, circumspecto, pouco affecto ao bello sexo...

ZECA.

### O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional

No meu primeiro artigo apresentei algumas considerações que me pareciam necessárias para esclarecer o terreno da discussão, sendo que ellas emanavam de um pensamento do meu antagonista e que eu julgo ter explicado e reforçado com argumentos.

Ainda que eu não possa demorar-me na apreciação de cada facto que surge no estudo do conjunto, procurarei syntheticamente dizer o que penso relativamente a esta complexa manifestação da psychologia humana — a poesia.

Se houvesse tempo eu daria uma direcção ainda mais elevada á discussão que creio ser de magna importancia.

Porém, em todo caso, irei estudando o que me parecer mais urgente, reservando para outra occasião o desenvolvimento das idéas expendidas nesta discussão.

Engenheiro Veron, no seu livro *L'Esthétique*, diz: «É difficil imaginar uma poesia que possua um encanto mais humano, mais sincero que a de Alfredo de Musset. Por este lado parece que ella excede a toda a comparação. Porém, quando se approxima de Victor Hugo, sente-se logo que lhe falta alguma coisa, que é precisamente a elevação do espirito.

«A poesia de Victor Hugo adquire, só pela grandeza do pensamento, uma superioridade inmensa. Musset deve agradecer mais áquelles que procuram sobretudo na poesia este delicto que os dilettantes consideram voluntariamente como o fim supremo de todas as artes; não se pôde ler Victor Hugo sem que á admiração pela obra se ajunte a alegria íntima e profunda de achar no poeta um pensador preso a todos os problemas que interessam a humanidade. As idéas, em somma, têm a sua poesia como os sentimentos, não ha razão para que a arte esqueça esta fonte de emoção.»

Esta observação do illustre critico francez satisfaz inteiramente.

É preciso comprehendê-la.

Todos os poetas que têm querido transformar o caracter e a natureza da poesia, têm depreciado o seu valor, tornando-a fraca, sem animação, sem emoções fortes, sem vida, sem movimento.

É intoleravel a poesia dos poetas scientificos.

Introduzir a sciencia na poesia, é o mesmo que introduzir a poesia na sciencia. A introdução de um elemento d'aquella ordem na factura do verso, a experiencia tem demonstrado ser improfeua e de uma insipidez a rogar pelo comico.

A poesia deverá ser o resultado de alguma coisa, como o jogo das faculdades especiaes do artista, que augmenta na proporção do sentimento que elle transmite á obra, e da maior generalidade que elle attinje pelo aperfeiçoamento d'estas mesmas faculdades.

A especialisação d'estas faculdades é por sua vez uma consequencia ainda. Todo o aperfeiçoamento suppõe uma co-relação.

Este mutuo auxilio prestado pelas faculdades agentes, elevando-se, dá á obra de arte um valor indiscutivel.

Portanto, é logico que a accumulacão de idéas collidas pela experiencia do seculo, isto é, as leis descobertas, o que quer dizer ainda, o universo comprehendido, impõe-nos uma conducta superior e independente, que vem reflectir-se, por uma reacção espontanea no mundo moral.

Uma lei physica descoberta corresponde a uma mutação de estados de consciencia, a uma direcção do espirito toda diversa.

Se assim é, o movimento scientifico do

seculo XIX accentuará a poesia, modificando-a.

Porém é preciso que se comprehenda que a poesia necessita sobretudo de liberdade. O poeta hade cantar sempre o que for digno de ser cantado.

O poeta moderno, que conhece todas as transformações porque tem passado o espirito religioso, que o apudia desde o seu interior, como facto social; que reconhece o accordo que elle fixou entre a vida domestica e a vida publica, distendendo a concepção da nacionalidade e produzindo a creença na unificação das idéas; que fez de cada homem uma fonte de emoções, de enthusiasmo, de actividade, de abnegação; que o erguen assim á altura da humanidade, porque não poderá cantar e exprimir em seus versos tu lo quanto sentiram e pensaram as civilizações extintas, tu lo quanto sentio o assyrio, tu lo quanto pensou o israelita?

Que mais bello do que se reproduzir hoje, com o nosso modo de ver e de cantar, os bellos trechos daquella poesia que envolve os mysterios das lendas arabes, d'aquella poesia alegre, vivificante do iramitauo, irmão dos Aryas da India e dos Aryas que povoaram a Europa, e que se conhecem hoje pelo nome de Indo-germanos ou Indo-europeus? Aquelle povo não tem pontifices, não tem templos.

Organison-se segundo os preceitos da equaldade; tem a dignidade do homem livre, mas não tem o orgulho dos povos decadentes. O pai de familia — eis a autoridade suprema. — A sua religião é a mais bella de todas, fundase neste bello pensamento de Zoroastro: «Quem confia boas sementes á terra é maior que aquelle que faz dez mil sacrificios.»

O passado é a maior fonte de inspiração, porque é o repositório de todas as nossas alegrias e de todas as nossas sanidades.

E o que eleva a poesia, o que a engrandece, o que a torna verdadeiramente digna d'esse nome, é este sentimento inexprimivel, esta emoção sentida, que se traduz por uma reminiscencia vaga, nebulosa, de uma serie de quadros que o poeta não viu, mas que sente que alguém viu por elle. É a grande corrente das emoções transmittindo-se, é a herança dos que morreram, as idéas e as paixões de outras epochas, reflectindo-se sobre o caracter de cada um, e suborlinando-o ao influxo subjectivo do passado.

Sim, o desenvolvimento scientifico modificará a poesia, porque lhe proporcionará mais vastos horizontes, porque não restringe a sua esphera de acção, porque não põe péas aos seus movimentos.

O que torou grande a poesia das raças antigas foi a faculdade de invenção. Da mythologia nasceu a arte de poetar de todos os povos da antiguidade.

Foi um esforço, foi ainda mais, foi uma necessidade.

Os homens queriam explicar todos os phenomenos.

A mythologia foi um accordo entre a natureza humana e a sua fé religiosa. Explicou tudo pela ficção; inventou. Eis a sua grandeza.

A primeira concepção humana deveria ter uma origem anthropomorphica.

N'esta faculdade de invenção, de onde resultou a actividade psychica dos antigos, é que está a sua superioridade.

Perdemos esta faculdade, diz Veron, d'ahi a nossa inferioridade poetica.

Comparando a poesia antiga com a poesia moderna elle assignala como principal differença a natureza do espirito de uma em opposição directa ao espirito de outra. Provém de uma ignorancia psychologica, como elle diz.

Os primeiros homens viam por toda parte imagens em vez de idéas, e nada possuíam que não fosse tirado da realidade visivel. Obedeciam a esta lei. D'ahi a sua inferioridade intellectual.

Para resumir: a poesia tinha a sua força nas impressões procuradas pelo homem no mundo exterior. Era profundamente ficticia, falsa, mas estava em perfeita harmonia com o grão de conhecimentos d'aquelles povos.

Na poesia tentavam a explicação dos phenomenos que necessitavam ser explicados.

Reduzido tudo a manifestações de uma causa divina, de que o universo era uma consequencia, resultou d'ahi uma poesia fluctuante, confusa, objectiva. Suas emoções, suas idéas, suas obras, enfim todas as modalidades do talento e do caracter traziam o encho d'essas ficções que elles creavam diante da natureza variavel dos phenomenos que attrahiam a sua attenção e que os levavam a imaginar para cada effeito uma causa e a por em acção as bellas energias da sua imaginação graciosa e rica.

No proximo numero, apreciando a natureza da imaginação moderna, eu encetarei o estudo do poeta que me trouxe a campo e que deve ser dissentido não de uma maneira aggressiva, injusta e descortez, como pretende o *Diario Liberal*, mas segundo o modo de proceder da critica moderna — seriamente, scientificamente.

Luiz MURAT.

### GERMINAL

II

— Em que consiste o desvio de que accusa o autor do *Germinal*?

Esta pergunta que me fazem os amigos, obriga-me a responder-lhes, insistindo mais profundamente sobre a these já por mim reproduzida algures contra o chefe do realismo.

O desvio consiste em um pessimismo, que forma toda a mehlula de seus livros. Este é talvez inconsciente. A perversidade está simplesmente em elle procurar a todo traíse exercê-la, como arma de combate, pestiferando toda uma atmosphera intellectual; e por infelicidade la exerce com o mais perfeito conhecimento de causa, com um superior talento de politico. Basta ler os seus livros intitulosados: *Mes haines*, *Une campagne*, *Les documents litteraires*, e comparal-os com os seus romances para reconhecer-se que existem dois Zolas muito distinctos. Um fundamental, filho de Taine, fortalecido pelos processos do mestre; outro revolucionario, polemista, constituído chefe de bando, procurando atacar os inimigos pessoais, nutrido odios implacaveis, illudindo os discipulos aqui, fazendo concessões aèola ás suas exigencias partidarias, mas em ultima analyse, conseguindo manter o mando em todo o seu vigor; o Zola enfim, que pouco caso faz do que diz, pela transitoriedade d'esses mesmas blasphemias *sanguineas*.

Não é d'este que me occupo; sim do primeiro que é o Zola que me interessa — o da *Faute de Cabé-Mouret*, de algumas scenas da *Carce* e da ultima parte do *Germinal*.

Sabem todos o que existe de suggestivo no methodo de Taine. Abusando-se um pouco do vocabulario poler-s-shia até affirmar que este critico não passa de um romancista psychologo *manqué*. A sua theoria do caracter predominantemente junta a uma analyse patientemente systematica, é o melhor methodo que conheço para obtê-se as situações e os elementos necessarios a um romance realista. Quem quizer aprendê-lo é só folhear as Notas sobre a *Lu-*

glattera, e prestar attenção ao modo cuidadoso porque esse escriptor vai agrupando demoradamente, primeiro todo o material indispensavel a construcção de um scenario; depois os costumes, depois os circulos, as tintas da vida exterior e as da interior, as instituições e prejuizos, e finalmente os personagens. Ora, Emilio Zola, na primeira parte de sua vida litteraria, não teve outra lição se não esta; e até o seu estylo resente-se de uma profunda semelhança com o do mestre, o que não é senão uma consequencia do seu processo causativo, minucioso. Como, porém, não ha lição que consiga *in totum* suffocar os impulsos naturaes com o autor do *Assomoir*, deu-se o seguinte: Esse sentimento do grande e do forte, ou melhor o espirito de systema que constitue o traço característico de Taine não tardou em desalojar-se do cerebro do imitador para ser substituido pela preocupação do doentio e do assombroso. Zola, na essencia era uma alma tallhada do mesmo barro de que a natureza tirára o poeta dos *Chatiments*. Educado, porém, em um meio todo saturado de positivismo experiencias physiologicas completamente afogado em sciencia, hispotisado pelos resultados extraordinarios do experimentalismo, em vez de como V. Hugo, entrar pela metaphisica da alma, e construir capitulos deservendo uma tempestade no cranio de João Valjean e viagens nos refolhos da consciencia de Giliath, o solidario luctador do Oceano, embarafustou-se pela metaphisica do temperamento e começou a edificar os leitores com as scenas e estudos que conhecemos. E' fatal, portanto, que o chefe da escola experimental no romance, siga o seu caminho, e satisfaca todos os caprichos de sua natureza *homi*.

O que, entretanto, não resta duvida, é que elle bem podia modificar esse *hantement*, baseando equilibrar-se em um mundo de idéas mais logico do que aquelle em que vive victorioso, como a aguia que galgou o ultimo pinaculo e sustem a espada vingadora do extermínio. Esse equilibrio poderia resultar-lhe da accepção da doutrina psychologica, unica que convém ao romancista sem part pris.

ARARIBE JUNIOR.

(Continúa.)

### FACTOS DIVERSOS

Chegou de Pariz no dia 13 o esperancoso pintor nacional Belmiro de Almeida Junior, antigo desenhador d'*O Bino*culo de saudosa memoria.

Comprimetamos o distincto moço e esperamos que a viagem que vem de fazer muito haja contribuido para o desenvolvimento das suas boas qualidades artisticas.

Acha-se na corte o distincto jornalista Navarro de Andrade, redactor da *Provincia de S. Paulo*.

S. S. parte amanha.

Comprimetamol-o cordialmente.

### FALLECIMENTO

Falleceu no dia 7 do corrente, victima de uma lesão cardiaca, a Exma. Sra.

D. Julia Regina Lutterbach.

Ao Sr. Dr. José Lutterbach, irmão da fallecida, e a seu pai o Sr. Antonio Lutterbach, fazendeiro em Cantagallo, damos os nossos sinceros pezames.

## LIBIDO

(ASPAZIAS)

Vai em chinellas cor de rosa — o ninho,  
Em que os pés nús se alternam subtilmente —  
Golphar agua do bronze reluzente  
Ao marmore ella ouve, de caminho.  
Leva prudente a ponta do dedinho  
A ver se a agua está fria, ou boa e quente:  
E um milagre de Phydias, de repente,  
Surge das dobras de um lençol de linho.  
A agua recúa, cheia de respeito,  
E volta doce, tremula, affanosa,  
Como quem faz mais brando o brando leito.  
Chorando e rindo a um tempo de amorosa,  
Beija-lhe as mãos, os pés, o labio, o peito...  
E uma nymphá outra nymphá enleia e gosa...

LUIZ DELFINO.

## CONFISSÃO

A ARTHUR AZEVEDO

Que doloroso amor me punge e dilacera!  
Amor, já não, paixão, mas destas que não matam.  
Olho e tudo está negro, o sol que doira a esphera  
Azul, o mar que ruge, os sonhos que arrebatam

A alma ao céu e o céu todo aos seus olhos, á sua  
Voz, ao seu beijo, ao seu cabelo, ao seu aroma.  
Que frescura em seu labio onde o beijo fluctua,  
Onde um sorriso casto e immaculado assoma.

Deixá-me em paz viver, deixa-me em paz commigo.  
Eu não posso ser teu, tu não podes ser minha.  
Este horror que me cerca, o caminho que eu sigo,  
As crencas que eu perdi, as illusões que eu tiuha,

Ah! tudo, tudo, tudo, eu vi morrer n'uma hora!  
Assisti á hecatombe horrenda dos meus sonhos;  
A's trevas eu desci, subi até á aurora;  
Tua sombra seguim-me; os antros mais medonhos,

O silencio que vem depois dos grandes crimes,  
A lagrima, o remorso, a consciencia, o medo,  
Atravessei. E tu, que eu tanto adoro, opprimes  
Com o teu suave olhar meu sonho e o meu segredo.

Sonho eterno e segredo ainda mais eterno!  
Homens ha que somente as lagrimas conhecem,  
Que o sol nunca lhes deu calor p'ra o seu inverno,  
Que não sabem sequer porque tanto padecem!

Eu não posso ser teu, tu não podes ser minha!  
Este verso contem toda a nossa existencia.  
O incendio que lavrava, a magoa que eu retinha,  
Cada vez mais augmenta e cresce em tua ausencia.

Nunca mais me verás, nunca mais! meu ouvido  
Segue-te o passo e o meu olhar soluça... grita...  
Atraz de cada riso occulta-se um gemido,  
Que exhala eternamente esta dor infinita.

E hei-de morrer assim, e hei-de morrer dizendo:  
« Não te amo », áquella santa, áquella voz querida?!  
Hei de esquecer-me d'ella até mesmo morrendo?!  
Pois eu hei-de levar para a morte esta vida?!

Pois querem que eu depois de morto sinta tudo,  
Tudo quanto eu gemi e soluçei?! Maldictos!  
Diante d'ella eu serei eternamente mudo,  
Nunca lhe hei de magoar o ouvido com meus gritos.

Com a dor que ella causou, ella — o meu bem na terra,  
Ella — o meu bem no céu, o ninho perfumado  
Onde eu quiz occultar a luz que est' alma encerra,  
Onde eu quiz descansar, eu o viajor cansado.

Mas hei-de amal-a sempre, hei-de amal-a, hei-de vel-a,  
Ora, em meus sonhos, ora, em cada verso meu:  
E se eu vir que é pequeno o céu para contela,  
Darei ao céu mais céu.

LUIZ MURAT.

Rio, 4 de Maio de 85.

**RUY VAZ**

Com este titulo encetamos hoje a publicação de um novo romance do nosso companheiro de rellação—Aluizio Azevedo.

O nome que firma essa obra dispensa tudo que poderíamos dizer a respeito do seu valor litterario; por conseguinte limitamo-nos a declarar que a nova producção do romancista brasileiro é destinada mais a recrear o espirito dos nossos leitores do que a defender e sustentar qualquer theso social.

Entretanto, ella é talhada pelo padrão do romance moderno, si bem que nunca desramba para as mal entendidas agruras do falso realismo.

Dizemos do falso, porque o verdadeiro é sempre bom, digno, elevado e consolador.

Pertence ao numero destes o *Ruy Vaz*. E' um livro são, lançado com muito primor de fôrma e escripto para todos os paladares.

Todos podem ler sem receio de corar ou de empallescer; são paginas espontaneas, rescendentes de mocidade e de bom gosto.

Se nessa leitura encontrar todavia o leitor alguma carapuça que lhe sirva, não nos leve isso a mal, porque essa não foi a intenção do autor, nem a nossa.

Esperamos, porém, que o leitor não terá occasião de gostar comoseo a sua generosidade, *Ruy Vaz* tem dentro de si muitas carapuças, é verdade, mas nenhuma d'ellas ha de acertar a cabeças tão perfectas e tão bem conformadas, como devem ser as cabeças dos assignantes d' *A Semana*.

Dito isto—aficm-se os paladares e—*Ruy á rua!*

**QUESTÃO LITTERARIA (1)**

QUAL O MAIOR POETA DO BRAZIL?

Durante esta semana recebemos 65 respostas.

Votaram em Gonçalves Dias os seguintes senhores:

Da corte:—Barão de Toffé, Antonio Igmeio de Moura, Lopes Neves, Evaristo Alves da Silva Ribeiro e A. Fontes Junior.

De Capivary:—Dr. Carlos Antonio Halfeld e Antonio Augusto Alves de Mello;

De Pernambuco:—Cesarino Ribeiro, Alencastro de Araujo e Xavier da Silveira Junior.

EM CASTRO ALVES

Da Corte:—A. Cesar Franco;  
Das Dôres do Pirahy:—Bento Candido Coelho e José Vieira de Oliveira;  
De Therezopolis:—José Bandeira Vianna.

Da Cachocira (Bahia):—Carvalho Ramos.

EM LUIZ DELFINO

Da Corte:—J. Oliveira, Luiz A. A. de Carvalho Junior e Alfredo dos Santos;  
De Santos:—Heitor Peixoto Alves.

EM CASIMIRO DE ABREU

Da Corte:—João Machederme, Simplicio Marianno da Silva, Ferdinando Ammés de Roy, João Antonio de Mi-

randa Reis, Fernando José do Amaral Gurjão, Manoel Pereira do Nascimento Silva, José de Lima e Silva, Manoel Pimenta, Carlos Antonio da Fonseca Lessa, Henrique Alves Pereira, João Rodrigues Abreu Filho, Christino Augusto Rodrigues da Camara Junior, Luiz José Alves Lima Junior, Simplicio Manoelito da Silva, Manoel Pereira de Simas Portuque, Simplicio José Amarante, João José Justino Junior, Antonio Jorge Gurgel de Lima, Manoel Silveira, Francisco Charles des Champignon, Manoel José Silveira Justo, Mme. Marguerite e Dr. João José Villaca de Azevedo.

EM FAGUNDES VARELLA

De Capivary:—Manoel Ferreira Lima Junior.

Da Sacra Familia do Tinguá:—José Eulalio de Andrade.

EM DOMINGOS MAGALHÃES

Da corte:—José Soares da Rocha e Pedro Lebrum de Alencastro.

EM MELLO MORAES FILHO

Da corte:—J. de A. Lima, Julio Braga, Izael da Silveira e Dr. Coriolano d'Utra Silva.

EM JOSÉ BONIFACIO

De Recife (Pernambuco):—Antonio Porto Filho.

EM THEOPHILO DIAS

Da Parahyba do Sul:—Joaquim Pereira de Lima, Alexandre M. Azevedo, Conrado Jacarandá, Julio I. Dias da Rocha, Alberto d'Eca, Manoel Cardoso de Mello, Verissimo Pacheco, Victor Gallo, Raymundo Soares, Domingos da Costa Pinto, Rodrigo de Albergaria, Alexandre Ratisbona, Honorio Corrêa de Moura e Dr. Henripue José de Mattos.

EM PORTO ALEGRE

Da corte:—Alfredo de Paiva.

EM DAMASCENO VIEIRA

Da corte:—Heitor Telles.

**RESULTADO**

Gonçalves Dias . . . . .	80
Castro Alves . . . . .	45
Casimiro de Abreu . . . . .	27
Luiz Delfino . . . . .	25
Theophilo Dias . . . . .	14
Fagundes Varella . . . . .	5
Luiz Guimarães Junior . . . . .	4
Gonçalves Crespo . . . . .	4
Domingos Magalhães . . . . .	4
Mello Moraes Filho . . . . .	4
Alvares de Azevedo . . . . .	3
José Bonifacio . . . . .	2
Bernardo Guimarães . . . . .	2
Gonzaga . . . . .	1
Pedro Luiz . . . . .	1
Bazilio da Gama . . . . .	1
Alberto de Oliveira . . . . .	1
Odonio Mendes . . . . .	1
Laurindo Rebello . . . . .	1
Santa Rita Durão . . . . .	1
Porto Alegre . . . . .	1
Damasceno Vieira . . . . .	1

Conforme tínhamos promettido, em nosso numero ultimo, publicamos em seguida as considerações feitas pelos Exms. Srs. conselheiro Alencar Araripe, Dr. Moncorvo de Figueiredo e Dias da Silva Junior.

(\*) Vide ns. 15, 16, 17, 18 e 19 d' *A Semana*.

**INSTRUÇÃO PUBLICA**

Meu caro Dr. Valentim Magalhães.—Venho pedir-te um lugarzinho nas columnas de tua conceituada folha para dar á publicidade esta noticia que ali vai.

Julgo que me prestarás esse grande favor, pois que a noticia sem que seja de interesse politico, é de interesse publico; trata de um importante estabelecimento de educação de meninas que deve ser recommendado aos chefes de familia.

Sou, como sempre, teu fiel amigo e admirador.—*O. de Niemeyer.*

Ha mais de 12 annos que existe á rta de Santo Amaro um importante estabelecimento de educação para meninas o—Collegio N. S. do Carmo—e que se recommenda pela sua direcção, a todos os chefes de familia.

Está á testa d'esse estabelecimento a Exma. Sra. D. Carolina Moreira, cujo espirito instruido é geralmente conhecido. A Exma. Sra. começou a sua gloriosa vida de educadora em companhia de uma irmã que annos depois morreu, deixando as mais duradouras recordações entre discipulas e collegas, e hoje é auxiliada por duas irmãs menores.

Digna filha de um homem trabalhador e consciencioso, que tendo desastrosamente fallido, entregou a chave do cofre aos credores para salvar a sua honra que muito presava, embora fosse lutar com sacrificios e privações, a Exma. Sra. D. Carolina Moreira continuou, sem desanimo, a dirigir a casa do educação por ella fundada e para a qual destinava todos os seus desvelos e cuidados.

E', actualmente, o collegio N. S. do Carmo um dos primeiros estabelecimentos de educação feminina, que possuímos em nosso paiz.

Dirigido com uma habilidade rara, preenche todas as lacunas da educação da mulher, proporcionando em um diminuto curso o conhecimento de tres linguas, geographia e historia, arithmetica e algebra, desenho, pintura e musica.

Ha bem pouco tempo um amigo meu proporcionou-me occasião de ver os trabalhos das alumnas da aula de pintura que é intelligentemente dirigida pela conhecida professora Sra. D. Francisca Thompson de Oliveira Basto, digna esposa do honrado cidadão Sr. Francisco Rodrigues A. de Oliveira Basto.

Tive a satisfação de encontrar um adiantamento pouco vulgar em collegio, e sobretudo, ver que a distincta professora poz em pratica um methodo muito aproveitavel. Entre os trabalhos que vi, notavam-se: uma cópia de *Chilton*, de Jacottet, em papel pelé, um grupo de fructos, papel pelé e um ramilhete a *gouache*, pela Exma. Sra. D. Georgeta Moreira; *Vue Prise a Larat, Mayenne*, de Jacottet, cópia a *crayon* e aguada, papel pelé, e um grupo de fructos pela Exma. Sra. D. Paulina Gomes; *Chateau des A fils Aymond, Gironde*, de Jacottet, bellissima e poetica cópia a *crayon* e aguada, papel pelé, e outra bonita cópia de *Un sourire maritime*, pela Exma. Sra. D. Virginia Cardoso; grupo do fructos, aquarella sobre papel branco, pela Exma. Sra. D. Virginia Moreira e outros trabalhos neste mesmo genero, pelas Exmas. Sras. D. Maria Alzira Guimarães e Raphaela Guerra.

Esses mimosos trabalhos, cuidadosamente feitos, onde se adivinha a delicada mão da mulher e o sentimento artistico que começa a resplandecer

naquellas innocentes almas, ainda cheias de creança e castidade, fizeram um bem inexplicavel.

Da aula de trabalhos de agulha foram-me mostrados magnificos e ricos bordados, *crochets* de gosto e grande numero de ornamentações de lã, que considera como uma pequena industria da qual as classes pobres podem lançar mão.

O. DE NIEMEYER.

Maio, 12, 1885.

—(—)

O illustrado e distincto medico Dr. Silva Araujo recommençou hontem na Polyclinica Geral o seu curso de molestias de pelle e syphilis.

Foi a primeira conferencia deste anno, e como nas do anno passado o illustre professor manteve-se na altura do seu assumpto, e viu a vasta sala repleta de ouvintes attentos.

### THEATROS

Houve nesta semana uma estrêa: a da companhia portugueza de opereta, dirigida pela Sra. Irène Manzoni.

Nada podemos dizer da companhia, pois que não nos foi possível encontrar na vespera quem nos vendesse uma cadeira e a emprezaria não teve para com-nos a delicadeza que usou para com outras folhas: — não nos mandou um bilhete de entrada.

O que ali fica não significa uma queixa, porque *A Semana* não está, felizmente, no caso de sollicitar obsequios de empreza alguma.

Não somos dos que entendem que um jornal não deve fallar de um espectáculo para o qual não foi convidado, pois que isso parece-nos indicar que as noticias são para servir as emprezas e não o publico; o jornal que bem quiz servir os seus leitores hade informá-los de tudo que se passa, sem olhar a paixões nem a despeitos pessoas, visto que os leitores nada têm com o facto de ter sido ou não convidado o jornal que assigna para esta ou aquella festa.

Fazemos estas rapidas observações com o fim unico de nos desculparmos com os nossos leitores de não darmos apreciação da nova empreza da Phenix Dramatica, que na quarta-feira representou *A Filha da Senhora Angot*.

No Lucinda houve *réprise* da *Dama das Camelias*. Como esta é uma das peças mais antigas e mais conhecidas do repertorio moderno, julgamo-nos bem dispensados de massar os leitores com uma estirada de critica.

O desempenho foi muito regular. Creemos não fazer uma injustiça a distinctissima actriz Lucinda, dizendo que o papel de Margarida Gauthier é dos mais refractorios a sua indole artistica. Margarida é um typo absolutamente romantico, profundamente sentimental, e a notavel actriz ageita-se mais com a linha ironica, desdenhosa e mordaz da princeza de Falcomière e da baroneza d'Ange ou com a nota accentuadamente comica e bregeira da Sra. Des Prunelles. Não admira que nos vastos recursos de seu talento lhe falte a tristeza lacrimosa e a abnegação taciturna e apaixonada de Margarida.

Todavia, apesar da desigualdade do seu desempenho, ou por isso mesmo, ella faz admiravelmente algumas scenas da peça.

O Sr. Furtado desempenha com inteira correção o pequeno mas importante papel do velho Duval.

O Sr. Eugenio, com um pouco mais de calor e de vehemencia estaria perfeitamente na pelle de Armando.

Os outros artistas não têm neste dra-

ma papeis apreciaveis, mas concorreram para que a peça se mantivesse no grão de apuro a que nos tem acostumado o bom gosto do Sr. Furtado Coelho.

Na proxima terça-feira, 19, faz beneficio neste theatro o estimavel e sympathico actor Baptista Machado, com a primeira *d'A sociedade onde a gente se aborrece*, a deliciosa comedia de Pailleron. Nesta peça tem o beneficiado um dos seus melhores papeis.

As qualidades pessoas que distinguem o sympathico actor e auctor, levarão por certo ao theatro, na noite da sua festa, ainda maior numero de admiradores do que os do seu merito artistico, que são muitos.

..

E' effectivamente no dia 20 que no Recreio Dramatico faz beneficio o distincto actor Dias Braga, com a primeira da bellissima lenda tragica, em verso, de Echeegaray, — *No seio da morte*, traduzida pelos nossos collegas Valentin Magalhães e Filinto de Almeida.

Esta peça, cujo original foi offercido ao beneficiado por S. M. o Imperador, é uma das mais bellas do vasto theatro do grande poeta hespanhol, um dos maiores escriptores dramaticos da actualidade.

A distribuição é a seguinte:

D. Jayme, conde de Argelez—Dias Braga; Beatriz, condessa—D. Helena; Manfredo, bastardo de Argelez—Lisboa; Joanna—D. Leolinda; Roger, escudeiro—Castro; Berenguel, alcaide—Maia; D. Pedro III de Aragão—Maggioli; Cabrera, soldado—Domingos; Zurita, idem—Rangel; Um pagem—Bragança.

A acção passa-se em 1285.

O primeiro acto em um castello dos Pirineos e os segundo e terceiro no castello de Argelez.

No Príncipe tem agradado muito o grande drama—*Noites da India*. A empreza prepara com afan uma nova peça de grande espectáculo, do genero do *Guarany*. E' *O Rei dos Selvagens*.

No Polytheama tambem deve estrêar brevemente a companhia da actriz Fanny, com a magica—*O Genio do Fogo*, original do actor Primo da Costa.

### RUY VAZ

#### Scenas da Bohemia Fluminense

por

Aluizio Azevedo

I

— Ora até que afinal chegámos! O vapor acaba de levantar ferro!

— Mas só amanhã pela manhã desembarcaremos...

— Como assim?

— Não se pôde desembarcar depois das seis horas da tarde.

— Temos então de passar ainda esta noite a bordo?

— Com certeza.

— Diabo!

— E' ter paciencia.

— E eu que estou morrendo por conhecer a Corte.

— Agora pouco falta. Uma noite passa tão depressa!

— Nem sempre.

Este ligeiro dialogo fazia-se entre dous rapazes que vinham do Norte, a

bordo de um dos paquetes da «Companhia brasileira de navegação a vapor.»

Pareciam estudantes. Um teria vinte annos; era magrinho, de olhos pequenos e fundos, tez amarella, cabellos pobres e pernas muito compridas; o outro indicava ter quinze, quando muito, era reforçado, curto, cheio de vida, gesticulador e loquaz como um cearense.

Aquelle trajava de preto, com a cabeça engolida por um infornec boné de seda; os pés á frouxa n'umas chinellas de trança; o pescoço escondido nos mysterios de um triste *cache-nez* de lã roxa. Ao passo que o outro vestia casemira clara, paletó aberto, camisa de chita listrada, mostrando francamente o intersticio das clavioulas.

Neste, ao contrario d'aquelle, tudo eram symptomas de força e saude. O bom humor, que nada mais é do que esses dois elementos em ebulição, trahia-se-lhe de vez em quando por fortes gargalhadas, que lhe escapavam da boéca que nem o vapor pela valvula.

E a sua gravata azul, de pontas soltas, e o seu chapéu de palha, enterrado um pouco para a esquerda, e o seu cachimbo á um canto dos labios, e as suas botinas de bezerro com um dedo de sola; tudo isso como que servia de complemento áquelles gestos desembaracados, áquelles olhos irrequietos e aquella fogaça loquacidade, a que tudo cedia, logo que ella se desencadasse.

Chamava-se Ruy e vinha de sua provincia, fugindo ao pai, Manoel Vaz, um portuguez antigo e rispido, que á força de murros e ameaças queria-lhe abrir no coração o gosto pela vida commercial.

Além da tremenda decepção paterna, deixava atraz de si a colera de uma madrasta, que o acaso lhe dera desde o berço, mas que nunca o amara.

Manoel Vaz tinha quarenta annos de negocio. Percorrera toda a escala da vida commercial; principiára como caixeiro de venda e chegára a commedador.

Por varias vezes fallira; por varias vezes levantára a cabeça. Fora estabelecido com armazem de secco e molhados; fora negociante em grosso; tivera loja de modas, tivera loja de feragens e, afinal, vivia agora de pequenas especulações que, dizia elle, davam-lhe apenas para o pão de cada dia.

O filho nunca lhe merecera grandes preocupações.

Creceu quasi ao Deus dará, entre a má vontade da madrasta e a rispidez do pai.

Este só lhe apparecia á noite, quando voltava do trabalho e, mal o vio capaz de algum serviço, pol-o ao balcão.

Ruy aprendeu a ler e a escrever, teve rudimentos de francez e arithmetica; feitos, porém, os doze annos, nunca mais frequentou aulas.

— Para que mais? dizia o pai—A mim nunca me ensinaram tanta coisa e nem por isso dos mais asnos! Si o rapaz tem vontade de saber muito, que aprenda depois, a sua custa. Ninguém lh'o poderá impedir. O que mais tarde elle não conseguirá é habituar-se ao trabalho, si en desde já não o encarrear pelo bom caminho!

Ruy obedecen, sem a mais ligeira sombra de protesto, mas pouco depois, quando o seu espirito começou a desenvolver-se com a leitura dos livros que lhe cahiam nas unhas, uma revolta secreta se foi erguendo dentro d'elle.

Um dia fallou ao pai com franqueza e pediu-lhe que o mandasse a estudar em S. Paulo ou Pernambuco.

— Pergunta-me primeiro si tenho recursos para isso! respondeu o velho, com máo humor.

E, como o filho fizesse um ar de surpresa, poz-se a fallar no muito mal em que iam os seus negocios ultimamente; das novas difficuldades que lhe surgiam de instante a instante, e até no receio de que lhe não viesse a faltar para a velhice um canto onde cahisse morto.

— Pois eu para o commercio não sirvo! replicou o rapaz.

— Procura então outro meio de vida! E's perfeito, tens saúde, sabes ler e escrever, atira-te! não serás eu quem t'o prive!

— Mas em que me hei de empregar?

— Não sei! Procura!—Olha! quando eu vim da terra ainda não contava a tua idade, não tinha ninguém por mim, e contudo cheguei a jogar com um capital superior a tresentos contos, e ainda cá estou para o que der e vier!

E não se lembrava, o Sr. Manoel Vaz de que elle, quando veio da terra, era um pobre aldeãozinho, innocente e nullo, quasi irracional, e que seguia para os Brazils como um boi que caminha para a piza; enquanto que o filho, pro facto mestico de duas raças contrarias, creado na americana fartura de sua patria, convivendo deslealmente com espiritos mais ou menos revoltosos pela oppressão portugueza, não podia deixar de volver os olhos para horizontes mais largos, mais elevados e mais ao sabor de seu temperamento brasileiro, romantico e apaixonado.

De sorte que, chegado o momento em que o commença a quiz ter mão sobre o filho, este lhe fugiu por entre os dedos e pinchou para a Corte.

E, agora, depois de uma longa viagem, sem dinheiro, sem protecção, sem contar com nenhum amparo nos seus quinze annos, Ruy Vaz, do tombafilho do vapor, contemplava essa grande cidade, a cujo seio ia lançar-se com todo o atrevimento das primeiras illusões.

O Rio de Janeiro apparecia-lhe ao longe, ameaçador e silencioso, cercado de montanhas e mergulhado nas sombrias ondas da noite.

Distinctamente so se podia ver a illuminação das ruas.

Era uma constellação de pequeninos fogos enfileirados, que a capricho serpenteavam, já torcendo para a direita, já subindo pelos morros, ou resvallando até ao fundo tenebrosos dos valles.

Qual seria o destino que alli o esperava? que tal seria aquella gente com quem tinha elle de viver? Que especies de desgraças ou de fortunas lhe estariam reservadas naquella enorme cidade desconhecida?

(Continúa.)

### CLUB DOS DEMOCRATICOS

Esta sociedade deu no sabba do passado um baile nos seus salões, para o qual sentimos verdadeiramente faltarem-nos as expressões e escarcearam os adjectivos.

Se dissermos que foi uma festa deslumbrante, maravilhosa, ferica, nunca vista, incorreremos directamente na banalidade das chapas; se dissermos que elle esteve acima de todos os encontros e que as damas era só como *parastes*, os leitores pótem pensar que estão lendo a *Cousa Nova*, calamidade de que o bom Deus nos defenda. E' realmente uma alrapalhação.

Se a gente se lembrar do bufete, então é que nunca mais acaba a noticia. Imagine-se uma meza de todo o comprimento do vasto salão, separada por um original tabique em forma de barracas de banhos, tola cheia de porcellanas e christaes, com toda uma primavera de flores em magnificas jarras, sortida com todas as ignarias inventadas pelo cos-

nheiro olympico de Jupiter, com o phalerio, a ambrosia e o mel do Hymeto, tulo servido pelo proprio Ganymedes e pela propria Hebe que se des-avergonhou de proposito para vir *escancianar* os amavios nas tancas da Bohemia que os convivas lhe estendiam avidos mais de a ver do que de lhe beber os liquidos.

Assim, bella rapaziada! A commissão organisadora da festa estava de uma amabilidade que chegava a doer!

### UM HOMEM GASTO

Sob este titulo appareceu no *Jornal* de 13 um artigo contestando a critica de um romance de L. L., que no passado numero d'*A Semana* publicamos.

Já temos em nosso poder a competente resposta, que hoje não publicamos por absoluta falta de espaço.

### TRATOS Á BOLA

Recebemos d'esta vez 18 cartas contendo as decifrações aos *tratos* ultimos.

D'estas são dignas de nota as que vieram firmadas pelos seguintes senhores:

Ruy Pimenta, Manoel Pedro Guimarães, Josephino B., Francisco de Paula Raugel, A. J. da F. e S., Pery-assú, Palmyra Borba e Samuel Traião.

Os *Nocturnos*, que éra o primeiro premio pertencem ao Sr. Ruy Pimenta e a *Erangelina*, segundo premio, á Sra. D. Palmyra Borba.

Mandem buscar os seus premios. Eis as decifrações: do logogripho—*Iquez de Castro*; da muzical—*Solfa*; das tiburecianas—*Retrato e Papafigo*; das telegraphicas—*Votação, Patronato e Galana* e do inguina—*Mimo*.

Para hoje temos os seguintes *tratos*:

ANTIGA

Nas duas primeiras juntas  
Eu já vi terceira entrar  
Porem todas reunidas  
Po lem terceira matar

TELEGRAPHICAS

1—1—1—Botão e poixe.  
1—1—1—Sapat e dinheiro.

VERBAE

Qual o verbo que, nullo e um substantivo que indica saude pro luz um substantivo que indica aversão?

DECAPITADAS I.

(Por syllabas.)

Jesus!—Que grande—! pois se te festei com a.—Que nota é esta—?

Não faz tonta—é melhor que vá vender—mas não aqui—

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um exemplar dos *Sonetos e Rimas* de Luiz Guimarães Junior e ao segundo uma colleção do 1º trimestre d'*A Semana*.

E até sabba do querido charadist as.

D. PASTEL.

1 Começa-se a decapitar do fim.

### RECEBEMOS

— «Bellas-Artes; estudos e apreciações» de Felix Ferreira; um bello volume de 310 paginas, impresso nas officinas de Pedro Jardim e Gaspar, e editado pelo Sr. Balomero Carqueija Fuentes. A capa é a tornada por uma linha gravura de Leopoldo Heik.

Occupar-nos-hemos deste livro em artigo special.

Do Sr. José de Mello, representante no Brazil da importante casa editora David Corazzi, de Lisboa:

—«A Estrella do Sul» ultimo romance do fecundo popular Julio Verne. A impressão é magnifica e magnificas as numerosas gravuras que adornam o volume.

—«O Calastro da policia», grande romance traduzido do hespanhol, acompanhado de bellos chromos.

Estas obras, como quantas edita a casa David Corazzi, são publicadas a preços modicos, e bem merecem a enorme acceptação que têm tido.

—«Lyrios e goivos», versos de Cypriano de Miranda. Baturité. O autor, que conta apenas 19 annos de idade, conclue assim o seu prefacio: «... se não agradarem os meus pobres versos, por falta de fragancias rhetoricas, ou por que o nome do autor nada significa, é sempre certo que tive o prazer de os ter composto. E' essa a ver-la e o mais agradável, o mais dura louro, talvez o unico prazer que passa sentir um verdadeiro artista.

—«Relatorio da Sociedade Portugueza de Beneficencia, em S. Paulo», apresentado pelo seu president Abilio Soares.

—«Quinto relatorio para ser apresentado á assembléa geral dos accionistas da companhia E. de F. do Oeste de Minas, pela Directoria da mesma.»

—«Ns. 7, 8 e 9, anno IV da excellente Revista Maritima Brasileira.

—«Revista Illustrada»; n. 108, (anno X.) Muito chistosa nos desenhos e no texto, e, como sempre, muito amavel para commos; amabilidade que de coracão agradecemos.

—«A *Vespa*, n. 16. O Netto continua a progredir, o que muito nos contenta. No texto que está como de costume—*rarisant*, encontram-se algumas linhas a respeito da nossa critica theatral, sobre a *Denise*, as quaes muito nos lizongeiaram.

Pelhuos venia para transcrever as palavras finaes.

«Como se vé, o escriptor dessas linhas tem observação e talento. Devia ser convidado para substituir o menino que se assigna *Quidam*, descriptoriosamente investido pelo *Jornal do Commercio* das altas funcções de critico dramatico. Eu o recomendo ao gran le orgão. Chama-se Filinto de Almeida.»

O nosso collega confundido pelo elogio, enborsado pela modestia de estylo, agradece com uma profunda enrafura tanta benevolencia e tão finas amabilidadees...

—*Tiradentes*, commemoracão annual anno VI. Collaboram nesta publicacão patriótica os nomes mais conhecidos e mais respeita los entre os nossos escriptores republicanos.

A *Illustração*, n. 7, anno II. Traz na primeira pagina um bello retrato de Emilio Zola.

O texto é como sempre, magnifico! A *Vespa*, n. 18. A pagina intitulada *Perdida Esperanca...* é bem desenhada.

Quanto ao texto... muito bom.

*Mequetrefe*, n. 374. Não traz na primeira pagina o retrato de um commenda lor on de um visconde, traz simplesmente duas figuras que representam os dons partidos monarchicos consultando os horizontes politicos. As outras paginas são boas.

O texto, como sempre, bem feito.

O *Jockey*, N. 1. O nosso collega diz que tem hevi lo uma grande falta na arena jornalística que e, segundo um topico do artigo que enche a sua primeira columna: «a de uma folha que tenha por fim esclarecer o publico, quanto á qualidade dos animaes e dos seus feitos, de forma que, quando queira arriscar o seu dinheiro em apostas, o que por certo não aconsellamos, esteja em pé de igualdade com aquelles que, por circunstancias especiaes, conhecem as probabilidades que tem cada animal de ganhar, e por isso apostam com vantagem, aproveitando-se da ignorancia do publico em geral.»

Por isso recommendam-lo ao publico.

E vida longa, collega!

Do Sr. João Duarte Filho dons livros de suas poesias. O primeiro intitula-se *Sciintillações* e o segundo *Peregrinos*. Vamos lê-los.

Do Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes um exemplar do seu livro *Manual de Steuographia Brasileira*.

Do Sr. A. H. de Souza Bandeira, um volume de sua obra—*Estudo de Direito Administrativo*.

*Cinco de Maio*, ode heroica de Alexandre Manzoni e trez versões em portuguez, sendo uma de S. M. o Imperador.

O livro está muito bem impresso, o que não admira, pois saiu das officinas de Moreira Maximino & C.

## CORREIO

Sr. OSCAR VERNEY—Ficamos scientes do que nos disse em sua carta.

Sr. AMILCAR XARPO—A' vista da leitura que fizemos da carta que acompanha o seu *conto a lapis* na parte em que o Sr. se defende da *injustiça* que fizemos com a *D. Amida*, temos a dizer-lhe que a nossa opinião fica de pé e a sua... assentada, carissimo Xarpot.

Quanto ao seu *conto a lapis* damos-lhe uma boa noticia bre...ve...men...te tel-o-ha n'á *Semana*.

Sr. R. AZAMOR—O seu soneto...Não, não fallemos n'isso...

Sr. L. A.—A sua poesia entre os VI e os X que tem por assumpto *as scenas de um quarteirão de uma rua no Cattete*, não é má, palavra de honra!

E com isto está satisfeito o seu desejo, que era ter *duas palavrinhas apenas* sobre o seu trabalho.

Sr. IR—O seu mote *Que olhar!* dedicado a Alberto d'Oliveira é...Não; para que envergonhal-o!

Faça consa melhor e...appareça.  
Sr. HYPPOLITO DA SILVA—Acceite os nossos parabens, mesmo porque nós recebemos tanta cousa ruim, que quando alguem nos manda um trabalho como o que o Sr. nos mandou ficamos...admirados.

O seu soneto *No Guanabara* é verdadeiramente bom e publical-o-hemos brevemente.

Sr. OSORIO BRAGA—O seu soneto *A Almida*—é bom...mas faça cousa melhor e mande.

Sr. GAYA.—O seu soneto (sempre o soneto; que mania!) intitulado *A ILLUSÃO* é publicavel. Brevemente ha de lê-lo em uma d'estas columnas.

Sr. A. CACHAPEZ (Goyaz).—As suas quadras—*Drama de Amor*, são verdadeiramente de principiante. Corrigil-as não nos é possível; falta-nos o tempo, o preciosissimo tempo, e além disto a vida é tão curta...

## ANNUNCIOS

**Portuguez, francez e Inglez**  
—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

**Dr. Henrique de Sá**—Espec. Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22, de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

**O advogado Dr. Valentim Magalhães**, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

**DR. ARAUJO FILHO**

MEDICO PARTEIRO

Residencia

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

**À AURORA DO RIO**

ALFAIATARIA DE FREIRE & COELHO

131 Rua do Hospicio 131

**ERNESTO PINTO COELHO**

SOLICITADOR

VILLA DE PADUA

## GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-arts. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlin, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

EDICÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL

N. 1

Publicado em 15 de Agosto de 1884

Assignatura mensal em dous numeros. . . . . 2\$ fracos  
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.

Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornando um mag-nifico album, proprio para presente

PREÇO 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

**H. LAEMMERT & C.**

66 RUA DO OUVIDOR 66

LIVRARIA UNIVERSAL

**EVANGELINA**

POEMA DE

**H LONGFELOW**

TRADUCCÃO DE

AMERICÓ LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Neves, Laemmert e Serafim José Alves e no escriptorio desta folha a

2\$000 o exemplar

**JAMES E. HEWITT**

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134



## HOTEL NOVO MUNDO

SERVIÇO PROFUSO E VARIADISSIMO

Bons vinhos garantidos, salão reservado para banquetes, os quaes serão servidos conforme o preço que se ajustar.

13 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 13

PROPRIETARIO

**JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO**

HOSPEDARIA FIEL

Rua da Alfandega n. 236 e Travessa de S. Domingos n. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos. LIMA & XAVIER

## RESTAURANT VOLTAIRE

29 RUA DA URUGUAYANA 29

Almoço..... \$800 | Jantar..... 1\$000

SERVIÇO ASSEIADO E PROFUSO

Parece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar á

29 RUA DA URUGUAYANA 29